

JORGE LOURAÇO FIGUEIRA

# As Sete Vidas da Argila

Como Boca-de-Barro ganhou o apelido

**lúmus**

*As Sete Vidas da Argila* foi um projeto de intervenção artística, levado a cabo por artistas profissionais e amadores, através de um espetáculo de teatro (*Como Boca-de-Barro Ganhou o Apelido*) e de um documentário audiovisual (*Vozes e Retratos das Fábricas de Cerâmica da Ria*). A produção foi do Teatro Aveirense, sob a direção de José Pina, e a criação contou ainda com a colaboração da Red Cloud, grupo de teatro de marionetas sediado em Aveiro, fundado por Sara Henriques e Rui Rodrigues.

O espetáculo estreou em setembro de 2021, em Aveiro, nos 140 anos do Teatro Aveirense, com texto e encenação de Jorge Loureiro Figueira, assistência de encenação e direção de produção de Amarílis Felizes; coreografias de Joana Lopes; composição, direção musical e interpretação ao piano de Pedro Almeida; direção de coro de Aoife Hiney; sonoplastia de Sofia Saldanha; figurinos de Helena Guerreiro; adereços de Rui Rodrigues (da Red Cloud); cenografia e iluminação de Pedro Vaz; vídeo de João Garcia Neto; fotografia de João Cruz; interpretação de Sara Henriques (também da Red Cloud), Ana Inês Costa, Ana Maia, Ana Paula Monteiro, Ana Pereira, Ana Silva, Bruna Sousa, Cláudia Bastos, Dina Teixeira, Dora Martins, Dulce Ferreira, Fátima Madaíl, Graça Oliveira, Helena Fidalgo, Joana Resende, Mafalda Moreira Teixeira, Margarete Canas, Mariana Almeida, Patrícia Tavares, Rita DF, Rosário Costa e Sofia Solá. Foi reposto em Julho de 2022, na Misericórdia de Aveiro, no Festival

dos Canais, numa versão *unplugged* dirigida por Amarilis Felizes.

A ação começa no dia de aniversário da (ficcional) fábrica de cerâmica mais antiga da região da Ria de Aveiro, fundada ainda no fim do século passado (aliás, do outro). Ouve-se a sirene misturada com os sinos e finalmente chegam as operárias para ajudar nos preparativos para a festa; logo depois os convidados. O anfitrião, porém, está retido nas oficinas, por causa de uma encomenda tardia, com os seus principais auxiliares, entre os quais a imprescindível escolhedora Clorinda Boca-de-Barro. Bom, na verdade, nessa ocasião, Clorinda ainda não se chamava assim, Boca-de-Barro. O que aconteceu depois — e como ganhou Clorinda esse apelido — é o que vemos no espetáculo.

O trabalho começou em Abril de 2021 e a escrita foi feita em paralelo à encenação e à recolha de testemunhos e imagens para o documentário, pelo que foram inúmeras as fontes das quais o texto bebeu. Muitas cenas foram inspiradas em histórias de familiares de membros da equipa ou de pessoas ouvidas durante o processo. Além disso, as memórias de uma visita à pequena cerâmica da Nazaré com o meu avô materno, que moldava figuras de argila, e de uma ida a Aveiro com um tio que é ceramista, natural de Águeda, alimentaram o gosto por todas as coisas de barro. Apesar de o património industrial ter sido o ponto de partida do projeto, o mais importante foram os vínculos cria-

dos durante o processo, tal como nas fábricas o mais importante foram sempre os laços de amizade e os *nós* de família entre as pessoas. O texto espelha e forja, espero, essa fraternidade, ou sororidade, pelas quais dou graças.

## *Personagens*

CLORINDA DA FONTE NOVA, depois BOCA-DE-BARRO,  
primeira escolhedora nas Fábricas Aveiro  
TEOLINDA, a irmã de Clorinda, desempregada  
NICOLAU, o filho mais velho de Clorinda,  
aprendiz de oleiro  
PEDRO, o filho mais novo de Clorinda,  
aprendiz de forneiro  
VLADIMIRO, o viúvo de Clorinda

O SR. Manuel Henrique AVEIRO  
A Senhora D. MARTA Aveiro  
RITA, cozinheira  
DR. VALDEMAR, o médico  
D. ALBERTINO, o bispo  
ENG.º LUÍS ELIAS, o credor

### *Coro das Trabalhadoras das Fábricas Aveiro*

ARGENTINA Ferrão, vidradora  
AURÉLIA Duarte, oleira  
ELEUTÉRIO Bruno, forneiro  
FELISMINA Dias, pintora  
POLICARPO Ferreira, forneiro  
SEGISMUNDO Silva, forneiro  
SILVINA Custódio, acabadora  
TERTULIANO Rocha, forneiro  
e  
MESTRE AGOSTINHO, ceramista

## ATO I

*Estamos na casa da quinta, colada à fábrica. Um salão com espaço para uma mesa grande, mas que não está no lugar dela, e uma série de cadeiras encostadas à parede. Ao fundo, a cozinha.*

### CENA I

*Clorinda*

#### CLORINDA

Antes de começarmos, quero deixar bem claro que está tudo bem, foi tudo conversado, não há mais desavenças entre nós. O que se diz por aí, isso foi tudo ultrapassado. Posso confirmar, perante vós, que está tudo bem entre a minha família e a do senhor Aveiro. Hoje é o dia de aniversário da fábrica de cerâmica Aveiro, que foi fundada há exatamente setenta e cinco anos pelo avô do Sr. Aveiro, que é como se fosse avô de todos nós. E é, por coincidência, o dia de aniversário do Senhor Aveiro. Hoje é dia de festa! Toda a família se junta, e nós, as operárias da fábrica, os trabalhadores e as trabalhadoras, os designers e o mestre Agostinho, juntámo-nos para oferecer um presente especial ao Sr. Aveiro. É a criação de um novo serviço, que está a sair do forno. Porque nós todos pertencemos a esta grande família que é a fábrica. Algumas pessoas não queriam. Queriam fazer uma estátua em tamanho natural do Sr. Aveiro... Feita em terracota pelo Mestre Agostinho...

Que gosta das coisas como se fazem na China, começando pela porcelana, já se vê. Eu achei que o senhor Aveiro não ia gostar. Sou uma simples escolhedora, no final do processo deteto os defeitos e separo as peças boas das peças más. Mas conheço o barro e a fábrica de olhos fechados. Reconheço as pastas, a terracota, a faiança, o grés, a porcelana, à distância. Como a palma das minhas mãos, que já nem se distingue do barro. O Sr. Aveiro insiste em ter a minha opinião para tudo. E eu não me faço rogada. Depois de muita polémica, convenci o mestre, chegou-se ao consenso de criar um novo serviço, e estávamos todos ansiosos à espera que saísse do forno a primeira amostra do serviço especial.

*Ouve-se a sirene da fábrica, misturada com o badalar dos sinos. Entram as operárias.*

Aqui vêm as obreiras da colmeia, umas vezes cigarras outras formigas... E minha irmã, Teolinda, que não faz nenhum e está sempre a ser despedida e readmitida nas fábricas da região, a sair de uma e a entrar noutra... Mas se calhar ela é que tem razão. Os meus filhos, Pedro e Nicolau! Venham cá, meus anjinhos, que saudades...!

## CENA II

*Clorinda, Teolinda, Nicolau, Pedro, Aurélia,  
Silvina, Felismina, Argentina*

CLORINDA *e o Coro das Trabalhadoras cantam e dançam a Moda da Clorinda:*

CLORINDA COM TODAS

Raparigas cantai todas  
esta moda cá da terra  
E rodai c'os raparigos  
lá para o alto da serra

CLORINDA COM AURÉLIA e SILVINA

Abelhinhas voai todas  
e pousai de flor em flor  
E rodai c'os abelhinhos  
Como roda o meu amor

TODAS (*Refrão.*)

Ó Clorinda,  
És rainha como a abelha  
Não queiras ser obreira  
Com o barro  
faz a boca da colmeia  
E folga a vida inteira //  
Clorinda ó linda ó ai

CLORINDA COM FELISMINA e ARGENTINA

Formiguinhas andai todas  
Em filinha no carreiro  
Desviai os formiguinhos  
Do rumo do formigueiro

TODAS

Cigarrinhas cantai todas  
Cantai à beira da estrada  
E rodai còs cigarrinhos  
Até vir a madrugada

CLORINDA COM AURÉLIA e SILVINA

Andorinhas voai todas  
A buscar barro p'ró ninho  
E deitai còs andorinhos  
Nos telhados do vizinho

CLORINDA COM FELISMINA e ARGENTINA

Raparigas cantai todas  
esta moda tão bonita  
E rodai trabalhadoras  
P'ra escolher a favorita

TODAS

E gozai escolhedoras  
Que é Clorinda a favorita

*(Refrão.)*

Ó Clorinda,  
És rainha como a abelha  
Não queiras ser obreira  
Com o barro  
faz a boca da colmeia  
E folga a vida inteira //  
Clorinda ó linda ó ai

# Moda da Clorinda

Música: Pedro Almeida

Letra: Jorge Loureiro Figueira / Pedro Almeida

**Chula** ♩ = 92

Piano

6

Ra-pa - ri - gas can-tai to - das es-ta  
 gui-nhas an-dai to - das em fi-  
 ri-nhas vo-ai to - das a bus

F C7

11

mo-da cá da ter-ra Ra-pa - ri - gas can-tai to - das es-ta mo-da cá da  
 li-nha no car - rei-ro For-mi-gui-nhas an-dai to - das em fi - li-nha no car  
 car bar-ro p'ró ni-nho An-do - ri - nhas vo - ai to - das a bus-car bar-ro p'ró

F C7

f

g<sup>b</sup>

16

ter-ra E ro-dai c'os ra-pa-ri-gos lá pa-ra o al-to da ser-ra E ro-  
 rei-ro Des-vi-ai os for-mi-gui-nhos do ru-mo do for-mi-guei-ro Des-vi-  
 ni-nho E dei-tai c'os an-do-ri-nhos nos te-lha-dos do vi-zi-nho E dei

A7 Dm Em<sup>7(b5)</sup> A7 Dm

*mf*

(8)....1

21

dai c'os ra-pa-ri-gos lá pa-ra o al-to da ser-ra A-be-lhi-nhas vo-ai  
 ai os for-mi-gui-nhos do ru-mo do for-mi-guei-ro Ci-gar-ri-nhas can-tai  
 tai c'os an-do-ri-nhos nos te-lha-dos do vi-zi-nho Ra-pa-ri-gas can-tai

A7 Dm Em<sup>7(b5)</sup> A7 Dm C<sup>7</sup> F

*f* *f* *mf*

26

to - das e pou - sai de flor em flor\_ A - be - lhi - nhas vo - ai  
 to - das can - tai à bei - ra da es - tra - da Ci - gar - ri - nhas can - tai  
 to - das es - ta mo - da tão bõ - ni - ta Ra - pa - ri - gas can - tai

C<sup>7</sup> F

*f*

*8<sup>th</sup>*

30

to - das e pou-sai de flor em flor\_ E ro-dai c'os a - be - lhi-nhos co - mo  
 to - das can-tai à bei-ra da es-tra-da E ro-dai c'os ci-gar - ri-nhos a - te  
 to - das es - ta mo-da tão bo - ni-ta E ro-dai tra-ba-lha - do - ras p'ra es-co

C7 F A7 Dm

*mf*

(8).....

35 **poco rit.**

ro-da o meu a - mor E ro-dai c'os a - be - lhi-nhos co - mo ro-da o meu a -  
 vir a ma-dru - ga-da E ro-dai c'os ci-gar - ri-nhos a - té vir a ma-dru  
 lher a fa - vo - ri-ta E ro-dai es-co-lhe - do - ras que é Clo-rin-da a fa - vo -

Em7(b5) A7 Dm A7 Dm Em7(b5)

*f*

40 **A tempo**

mor Ó Clo-rin-da és ra-i nha co-mo a a - be-lha Não quei-ras ser o -  
 ga-da  
 ri-ta

Dm C7 F C7

*f*

44

brei-ra Com o bar-ro faz a bo-ca da col-mei-a E fol-ga vi-da in

F C7 F Gm C7

48

tei-ra Ó Clo-rin-da és ra - i nha co-mo a - be-lha Não quei-ras ser o -

F Dm C7 F C7

*sf* *f*

8<sup>va</sup>

52

brei - ra Com o bar-ro faz a bo-ca da col - mei - a Clo -

F C7 F

(8)

55 **molto rall.** . . . . . 1.2. **A tempo** | 3.

rin - da ó lin - da ó ai For - mi ai  
An - do - ai

Gm<sup>7</sup> C<sup>7</sup> F F

(8) . . . . . ]